

PRÁTICAS DINÂMICAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Adriana Azevedo Dória

Beliene Alves de Oliveira

Marizete Ribeiro Ambrósio

RESUMO

Para investigar o tema, dinâmicas nas aulas de língua portuguesa, realizou-se uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Toda atividade pedagógica de ensino do português tem subjacente uma ideologia, de forma explícita ou apenas intuitiva, pois tudo o que o professor passar em sala de aula deve ter um propósito para o crescimento intelectual dos alunos. O objetivo geral deste trabalho é favorecer a compreensão sobre a importância das práticas dinâmicas nas aulas de língua portuguesa. Na elaboração do planejamento o docente deve apresentar os conteúdos mais significativos dentro do campo do conhecimento, os que despertam maior interesse nos discentes, os mais adequados ao nível de maturidade e adiantamento dos alunos os quais são úteis em relação a resoluções que o aluno tenha de tomar, e aqueles que podem ser aprendidos dentro das limitações de tempo e de recurso disponíveis. O ensino de língua portuguesa deve ser passado de maneira satisfatória, o qual exista uma interação no aprendizado, buscando aproveitar o conhecimento, sem radicalizar a gramática normativa como única e correta.

PALAVRAS-CHAVE

Educação, língua portuguesa, metodologia, planejamento.

To investigate the theme, dynamics in the Portuguese language classes, there was a qualitative research and literature. Every pedagogical activity of the Portuguese education has an underlying ideology, explicitly or just intuitive, because everything the teacher spend in the classroom must have a purpose for the intellectual growth of students. The objective of this work is to foster understanding about the importance of dynamic practices in Portuguese language classes. In preparing the plan the teacher should present the most significant content within the field of knowledge, which arouse greater interest in students, the most appropriate level of maturity and progress of students who are working towards resolutions that the student has to take, and those that can be learned within the constraints of time and resource available. The teaching of English must be passed satisfactorily, which there is interaction in learning, seeking to harness the knowledge, without radicalizing the normative grammar as unique and correct.

Education, Portuguese language, methodology, planning.

1 INTRODUÇÃO

A escolha da temática dinâmicas nas aulas de língua portuguesa justifica-se, devido ao entendimento de que a prática da produção escrita em sala de aula deve deixar de ser uma prática desmotivante para o estudante. O professor precisa contribuir para que os alunos se tornem leitores críticos, conscientes e eficientes. Cabe ao professor, especialmente o de língua portuguesa, motivá-los a escrever por prazer e não por obrigação.

O objetivo geral da investigação é favorecer a compreensão sobre a importância das práticas dinâmicas nas aulas de língua portuguesa.

O educador ao escolher a dinâmica e o assunto a ser trabalhado na aula, tem que observar a desenvoltura de cada grupo em relação ao trabalho proposto, se melhorou a aprendizagem do grupo, de cada participante e se houve eficácia na aprendizagem dos alunos. É evidente que qualquer discussão sobre os objetivos da atividade pedagógica, por mais completa que possa parecer, deve complementar-se com o estudo, a crítica, a reflexão, a pesquisa e o cuidado de todos aqueles que participam dessa atividade.

O ensino da Língua Portuguesa deve abrir-se para os mecanismos lingüísticos de produção de sentido, permitindo que os estudos lingüísticos se mostrem úteis. Além disso, estabelecem que os conteúdos da língua portuguesa devem-se articular em torno de dois grandes eixos: o do uso da língua oral e escrita e o da reflexão acerca desses usos.

2 O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA

O professor tem um papel muito importante na construção da escola, é através da competência, do comprometimento do professor que a escola torna-se uma casa do saber, é nesta casa do saber que os alunos têm um mundo de conhecimento, pois a escola deve ter recursos para que os alunos adquiram mais conhecimentos sejam através de livros, de recursos audiovisuais, de filmes, documentários e outras ferramentas para enriquecer o conhecimento de mundo dos alunos. A escola acolhe alunos com problemas familiares, com problemas psicológicos, com vícios de entorpecentes e alcoólicos, alunos agressivos, enfim de todos os tipos. Os professores devem ter uma preparação para lidar com essa situação e junto com a escola que é importante para a sociedade, procurarem fazer com que esses alunos se tornem cidadãos dignos, enfim pessoas melhores.

A escola deve caminhar junto com a comunidade, fazer com que os alunos pratiquem suas atividades em sala e as levem para sua vivência no dia-a-dia social, sendo ela a preparadora profissional. A escola deveria oferecer cursos profissionalizantes, atividades físicas, recreativas e culturais que beneficiasse não só os alunos nela matriculado, mas toda a comunidade próxima, com isso muitas crianças e adolescentes da classe desfavorecida deixariam de ficarem mais tempo na rua aprendendo coisas erradas, e muitas donas de casa, algumas até ainda adolescentes que despreparada, sem orientação familiar e escolar foi ser mãe precocemente poderiam deixar de assistir novelas repetidas e iriam fazer um curso para adquirir conhecimentos e melhorar sua renda financeira.

Mas para isso seria muito importante o interesse de nossos governantes, só eles poderiam implantar uma unidade escolar com esses recursos, com oficinas de arte de variados tipos, de informática, de cultura, logo a escola é capaz de transformar um sujeito capaz de questionar, participar, reformular, interagir, sendo reconhecida como produtora de conhecimento e transformadora da sociedade. Ela deve ter a preocupação com a melhoria da qualidade de vida da comunidade. “A única opção de uma escola comprometida com a melhoria da qualidade do ensino está entre ensinar ou deixar aprender... Qualquer outra implica em conformar-se com o fracasso ou, pior, em atribuí-lo exclusivamente aos alunos”. (POSSENTI, 1998 p.21).

Porque muitas vezes atribuímos o fracasso dos alunos neles mesmo, dizendo que a maior parte deles não querem nada com os estudos, sabemos que acontece muito isso, mas nós professores temos o dever de fazer com que o aluno perceba o quanto o estudo é importante para a vida deles, a fim de que eles se tornem pessoas esclarecidas, que sejam capazes de criarem seus próprios pontos de vista, sejam críticos e que procurem fazer com que o nosso país se torne um país de pessoas esclarecidas. É importante ser mais que um professor de língua portuguesa, temos que educar nossos alunos e prepará-los para a vida, precisamos estimulá-los e valorizar cada um, aprimorando suas qualidades.

O professor de língua em sala de aula não pode mais dar aos alunos exercícios repetitivos de longas cópias, exercícios estruturais, preenchimento de espaços vazios etc, com certeza isso é o que mais acontece nas escolas do Brasil. Daí acontece a insatisfação dos alunos e o mau desempenho escolar no domínio da língua. Logo eles reclamam que a língua portuguesa é difícil com todas as regras das gramáticas. Quando o aluno chega à escola, ele já é dominante da língua coloquial oral, ao aprender a gramática normativa o aluno vai dominar tanto a norma culta ou mesmo padrão quanto a variedade escrita da língua. “O ensino da gramática tem três defeitos, que o inutilizamos enquanto disciplina: primeiro, seus objetivos estão mal colocados; segundo, a metodologia adotada é seriamente inadequada; terceiro a própria matéria carece de organização lógica.” (PERINI, 2001, p. 49)

Os PCNs têm motivado muitos educadores a pensar sobre as praticas de nosso sistema de ensino, e de um modo ou outro melhorar as atividades de sala de aula, com vistas a preparar o aluno para a cidadania plena, com respeito pela diversidade. Os PCNs ainda dizem que: toda educação verdadeiramente comprometida como exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para plena participação numa sociedade letrada.

O bom é que hoje os novos professores estão mais flexíveis e dispostos a mudar essa forma de ensinar com a gramática, já aplicam em suas aulas novas atividades, trazem materiais didáticos atuais e assim tornam suas aulas mais interessantes. Ensinar é como fazer um bolo de ovos, é simples, todos sabem a receita, são sempre os mesmos ingredientes, mas cada um deve tentar fazer o bolo com um gostinho diferente, e conseguem. Bem assim é quando um professor vai dar aula, as teorias são as mesmas, disponibilizam dos mesmos materiais, mas cada um tem que ter um jeito diferente, cada aula tem que ter um “segredinho” para dar um gosto melhor, ou seja, vamos pôr mais práticas dinâmicas nas aulas de português, vamos juntar os recursos que temos em mãos, ensinar fazendo dinâmicas de grupos, fazendo com que os alunos se socializem mais, aprendam a trabalhar em conjunto, a trocar experiências e ativar a motivação. Há diversos recursos e muito mais para acrescentarmos nas aulas de língua portuguesa, são esses ingredientes junto com nossa dedicação, comprometimento, planejamento, que irão fazer as aulas renderem, ficar atrativa, saborosa e com um gostinho de quero mais.

Então é na sala de aula que nossos alunos irão descobrir as ferramentas para ser pessoas capazes de pegar qualquer material de leitura e saber interpretar o que está lendo, é na aula de língua portuguesa que os alunos irão aprender a ler e também produzir textos, para isso nós professores temos que trabalhar de forma mais contextualizada, é mostrar para o aluno o caminho para se chegar à interpretação e produção de textos, aproveitando o seu conhecimento nato, as ferramentas dos estudos, das pesquisas, das atividades em sala de aula.

Os grandes problemas escolares estão no domínio do texto, não no da gramática. Até porque, quando a escola ensina, ela visa à modalidade escrita dessa língua, mas não propriamente a língua. No dia em que as escolas se alertarem e dê conta que estão ensinando aos alunos o que eles já sabem, poderia ocorrer uma verdadeira revolução.

Para verificar o quanto ensinar coisas que os alunos já sabem, é só verificar se já sabem ou não fazer frases completas (e então não precisaríamos fazer exercícios de completar) se já dizem ou não períodos compostos (e não precisaríamos mais imaginar que temos que começar a ensiná-los a ler apenas frases curtas e idiotas), se eles sabem brincar na língua do “pê” (talvez então não

seja necessário fazer tantos exercícios de divisão silábica), se já fazem perguntas, afirmações, negações e exclamações (então, não precisamos ensinar isso a eles). Sobrariam apenas coisas inteligentes para fazer na aula, como ler e escrever, discutir e reescrever, reler e reescrever mais, para escrever e ler de forma sempre mais sofisticada, etc.

E o que nós professores vamos fazer, ensinar língua ou ensinar gramática?

Possenti nos fala que, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais. Para dar um exemplo óbvio, sabe evidentemente mais inglês uma criança de três anos que fala inglês usualmente com os adultos e outras crianças para pedir as coisas, xingar, reclamar ou brincar, do que alguém que tenha estudado a gramática do inglês durante anos, mas não tem condições de guiar um turista americano para passear numa cidade brasileira.

Os alunos sentem dificuldade com nossa língua portuguesa, a língua que falamos desde pequenos por causa das regras que nela existem daí surge a pergunta, será que é preciso saber gramática para falar e escrever bem?

Não existe um grão de evidência em favor disso; toda evidência disponível é em contrário: Se é preciso saber gramática para escrever bem, será de esperar que as pessoas que escrevem bem, saibam gramática ou pelo menos, que as pessoas que sabem gramática escreva bem. (PERINE, 2001 p.50)

Falando sobre gramática Possenti (1996), em seu livro “Por que (não) ensinar gramática na escola”, apresenta três tipos de gramática: a normativa, a descritiva e a internalizada. A Gramática Normativa é um conjunto de regras que devem ser seguidas, é a mais conhecida do professor. A Gramática Normativa estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta. Baseia-se quase exclusivamente na língua escrita, dá pouca importância a língua oral, ela é uma espécie de lei que

regula o uso da língua na sociedade. A Gramática Descritiva “orienta o trabalho dos lingüistas, cuja preocupação é descrever e/ ou explicar as línguas tais como elas são faladas” (POSSENTI, 1996).

A Gramática Descritiva trabalha com qualquer variedade de língua e não apenas com a norma culta. Sabe-se, desde Saussure, que as línguas mudam, mas as gramáticas normativas continuam a impor regras que os falantes nem seguem mais. A Gramática Internalizada ou competência lingüística internalizada do falante é o conjunto de regras que o falante domina. É essa gramática que é objeto de estudo da gramática descritiva e da gramática normativa.

Como os professores usam mais a gramática normativa, muitos alunos são penalizados com os exercícios de tantas regras de português, muitos acabam repetindo a matéria.

É necessário que cada vez mais se introduza nas aulas de língua portuguesa as atividades de pesquisa. Além de ensinar os conteúdos gramaticais prontos que a tradição exige e a sociedade em geral cobra. Ao mesmo tempo podemos levar para dentro da sala de aula o maior volume possível de língua viva, falada e escrita, e não somente de variedades cultas, mas de todas as variedades, e de todos os gêneros possíveis: texto literário, moderno, notícia de jornais, crônicas, história em quadrinhos, páginas da internet, documentários, gravações de fala espontânea de pessoas de diversas extrações sociais e geográficas.

O professor de português não pode mais ser apenas um receptor da doutrina gramatical. Ele deve ser um pesquisador e orientador de pesquisas a serem empreendidas por ele junto com seus alunos. O professor deve estimular, planejar, despertar o interesse dos alunos, prevendo desafios e estímulos as novas descobertas, levando o aluno a aprender, e assim ir além de conteúdos exigidos, fazendo com que o estudante seja apto a interagir e capaz de interferir construtivamente na realidade sócio – econômico-cultural.

Alguns alunos têm dificuldades no aprendizado, muitos por causa de distúrbios neurológicos que podem atingir tanto crianças como adultos, e esses distúrbios e outras causas como status sócio-econômico inferior, esses fatores são

responsáveis muitas vezes por problemas de leitura, concentração, escrita, da aprendizagem geral.

Então cabe ao professor identificar esses alunos com dificuldades em aprender, se concentrar e poder trabalhar esse problema na sala de aula, pois o professor precisa também trabalhar seus conhecimentos psicológicos, utilizando assim da psicologia da educação, para compreender e explicar o comportamento das pessoas em situações educacionais.

O professor deve se preparar com seus materiais didáticos e meios de ensinar em geral, metodologia de ensino, organização do trabalho na sala de aula, dinâmicas grupais e fazendo seu planejamento educacional, porque fica mais tranqüilo passar os conteúdos para os alunos, só assim podemos por em ação todos os recursos e meios para atingir os objetivos a que se propõe a educação.

Esse planejamento educacional deve ser simples, lógico, flexível, deixando claro os objetivos as metas e as estratégias que se vai adotar, sendo revista, reconsiderada, redimensionada, enfim no caso de ensino-aprendizagem, planejar exige de nós um conhecimento seguro, nós professores temos que fazer nosso planejamento de aula para que o ensino seja proveitoso e de qualidade.

Não esquecer que todo planejamento de ensino deve levar em conta, de um lado, a realidade do educando a que se destina quanto à sua maturidade, preparo, necessidades, aspiração e possibilidades e aprendizagem, e de outro lado, a realidade dos recursos humanos e materiais disponíveis para efetivação da tarefa... (IMÍDIO, 1987, p. 94)

Será que é sempre o aluno o único sujeito que merece ser avaliado na escola? E como nós professores devemos agir no ato de avaliarmos nossos alunos, que é o principal sujeito do processo de ensino-aprendizagem, mas decerto não pode ser o único avaliado. Pois deve ser avaliado também o tipo de ensino que o educador esta promovendo. A avaliação é um dos momentos de processo ensino-aprendizagem, vem se tornando objeto de muitas criticas: questionam-se suas técnicas, sua validade e sua função como controle do conhecimento e, dissimuladamente, como controle das oportunidades educacionais e sócias. A avaliação deveria ser a avaliação de necessidades, e em seguida uma adequação respeitando a individualidade do outro. A avaliação envolve não só a aquisição de

conhecimento, como também o estudo de capacidade, atitudes, habilidades e hábitos, a avaliação permite avaliar a si mesmo, logo mais eficaz para promover mudanças e fornecer direção aos comportamentos.

A avaliação representa a volta, o retorno ou a realimentação de todo o sistema de ensino, alertando para eventuais dificuldades do educando, possíveis de reajustes no planejamento de ensino em suas esferas de objetivo, conteúdo programático, ação didática e mesmo avaliação. (IMÍDIO 1987, p. 94)

O professor pode quando necessário aplicar atividades de recuperação, quando constatar as deficiências de aprendizagem do conteúdo, para que essa deficiência não se acumule, não prejudique o aluno. O professor deve ajudar o aluno à “aprende a aprender”. A avaliação deve ser um exercício de aprendizagem.

3 A MOTIVAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Os métodos consistem em sistemas de ensino adotados e correspondem a caminhos que levam ao conhecimento do aluno. Nada com que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos lingüísticos são percebidos e tudo conseqüentemente se decide. A aprendizagem do conteúdo pelo aluno é o objetivo central do professor. Decorre que, para que essa meta seja atingida utilizam-se métodos e técnicas no exercício diário da profissão.

A relação entre incentivo e motivação tende a ser levada como causa e conseqüência. Porém sabemos que isso só ocorre quando o incentivo (exterior) penetra na emoção humana, abrindo então o campo da motivação (interior). Esta – a motivação – também pode estar ali sem um incentivo, propriamente dito, sem um agrado exterior, pois também sabemos que ela decorre de interesses, os quais podem surgir da opinião individual.

São muitos os incentivos e inovações no âmbito educacional, assim como os contrários a eles. Elogios e críticas fazem parte deste direcionamento e nos fazem perceber assim também é na vida particular de cada um. O autor nos traz essa idéia: “e vida se faz por e para gente, que quer, pode e tem o direito de ser feliz, e motivações e realizações são parte desse direito.” (RANGEL, 2007, p. 63,)

E para que o ensino seja passado de forma eficiente, são estabelecidas as técnicas mais eficazes. Vamos então para um exemplo da vida real: os alunos vão às escolas para que o saber do professor lhes seja transmitido em salas de aula pelo debate oral – este é o método. Já a forma com que o professor aborda o assunto, a linguagem a ser usada, etc. constituem técnicas. No processo de aprendizagem, a boa comunicação entre o professor e o aluno é fundamental. Isso propõe o entendimento e requer do orientador o afastamento de qualquer ruído que venha a incomodar o ambiente escolar, seja ele um ruído físico (barulhos) ou psicológico (atitudes incorretas).

Nesse sentido, é também essencial que o docente domine o assunto pois a insegurança se expressa também no falar. É visível quando o pensamento e a linguagem “não dançam o mesmo ritmo”. Observa-se nesse parâmetro “a importância de contextualizar, desenvolver conceitos, argumentar, explicar processos, apresentar exemplos, concluir, sintetizar, rever” (RANGEL, 2007, p. 87), o que não acontece sem o domínio da matéria dada.

4 A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Saber usar oralmente a escrita é importante porque é através dela que demonstramos o que aprendemos com os estudos dirigidos.

Um conjunto de habilidades e competências em compreensão e nada de definições gramaticais. Todas essas competências são avaliadas em textos, de diferentes tipos e gêneros e funções. (Antunes, 2003, p 22).

Se o texto é o objeto de estudo, o movimento vai ser ao contrário, primeiro se estuda, analisa e tenta compreender o texto (no todo em cada uma de suas partes) e, para que se chegue a essa compreensão, vão se ativando as noções, sobre os saberes gramaticais que são necessários. Segundo Cirigliano e Villaverde se ocupa do estudo da conduta dos grupos como um todo e das variações da conduta individual de seus membros, das relações entes grupos.

“A escrita varia, na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza”. (Antunes, 2003, p 48).

Vinculada àquela dimensão da funcionalidade da escrita está à outra dimensão da sua forma de realização e participação. Assim como se admite que não exista fala uniforme, realizada de forma igual em diferentes situações e usos, também a produção de textos escritos toma formas diferentes funções que pretende cumprir.

Sem pretender estabelecer um marco nitidamente divisório entre a fala e a escrita até porque, na verdade, a muito mais de semelhante entre as duas do que de diferente sem perder os muitos simplismos com que a fala e a escrita tem sido distinguidas, vale a pena, contudo, chamar a atenção para diferentes formas de produção de uma e de outra a ter em conta como essas diferenças interferem na realização concreta.

“A escrita compreende etapas distintas e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões”. (Antunes 2003. P 54).

Elaborar um texto é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das idéias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever.

Para se produzir um bom texto em sala de aula ou fora dela os alunos terá que ter conhecimento do assunto ou tema tratado, para que possam argumentar com clareza e facilidade.

Já os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), corroborando a própria LDB, propõem gêneros de textos como referência básica a partir da qual o trabalho de leitura deverá ser desenvolvido nos terceiros e quarto ciclos do Ensino Fundamental.

A leitura é uma atividade essencialmente produtiva, de formação de hipóteses, para a qual o leitor precisa utilizar seu conhecimento lingüístico, conceitual, e sua experiência. Ao ler um texto, ele pode procurar levantar hipóteses sobre determinado assunto, ampliando cada vez mais seus conhecimentos. “A leitura é considerada também um processo interativo de multi-níveis, ou seja, o texto deve ser analisado em vários níveis desde as marcas gráficas até o texto como um todo cabendo ao leitor não só a identificação dos sinais gráficos, mas também a utilização de seu conhecimento prévio”. (PCN, 2000, p 30).

Observa-se que, no ensino fundamental, ainda é muito comum a postura de professores que consideram uma “boa leitura” aquela que o aluno lê corretamente todas as palavras, obedecendo aos sinais de pontuação, a qual existe uma correspondência entre a grafia e o som. Portanto ler corretamente não é ler, analisando pausadamente os sinais de pontuação correto, ler correto é saber interpretar a leitura e compreender a informação contida no texto. Algumas coisas como os conhecimentos individuais afetam decisivamente a compreensão de modo que o sentido não se reside no texto. O texto só se tornará unidade de sentido na interação com o leitor. Dividir a sala em pequenos grupos para discussão do texto é importante porque eles trocam experiências entre si;

Para se interpretar bem um texto, é preciso conhecê-lo, reconhecendo sua estrutura e compreendendo seu objetivo. Por isso, quanto mais você ler, mais fácil será entender e interpretar um novo escrito. Assim, você enriquece seu vocabulário e seu nível de conhecimento.

As dificuldades que os alunos enfrentam quando vão produzir um texto são inúmeras. Na maioria dos casos, eles não apresentam dificuldades em se expressar na oralidade através da linguagem coloquial. Os problemas aparecem quando surge necessidade de produção textual, acontece que na linguagem oral o falante se expressa não só através da fala, mas também através de gestos, sinais e expressões, esses recursos não são explorados na modalidade escrita, pois ela tem normas próprias, como regras de ortografia, pontuação que não são reconhecidas na fala.

A escrita de palavras ou frases soltas só faz inibir a competência necessária para a produção de textos coesos e coerente isso dificulta unir, articular palavras, orações, períodos e parágrafos.

Segundo os PCNs, (2000, p.62), o texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, além de ser constituído por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e coerência. A coesão estuda o texto internamente e a coerência o texto externamente, buscando perceber a diferença dos seus estudos.

Existe uma razão etimológica para não esquecermos que produzir um texto é o mesmo que tecer, entrelaçar unidades e partes com a finalidade de formar um todo.

Quando produzimos um texto nos baseamos em quatro elementos centrais: a repetição, a progressão, a não-contradição e a relação. Todas essas partes compõem o texto, elas surgem uma após a outra, relacionando-se com o que já foi dito ou com o que se vai dizer.

Faz-se necessário, portanto, que o professor, a partir de textos modelos, e, antes de solicitar qualquer atividade de produção textual escrita a seus alunos, mostre-lhes a organização esquemática as peculiaridades do tipo de texto que ele pretende trabalhar, para que sejam conhecidos e armazenados em suas memórias.

Segundo Possenti (1996, p.90) o que o aluno produz reflete o que ele sabe (gramática internalizada). A comparação sem preconceito das formas é uma tarefa da gramática descritiva.

Mesmo reconhecendo o valor social da língua escrita, o aluno tem dificuldades em expressar, por ela, os conhecimentos relativos a um dado assunto estocado em sua memória em formas lógicas e ou hierarquizadas.

Após o surgimento da Lingüística Textual, no Brasil, a escola buscou mudar suas perspectivas em relação à produção textual escrita, começando a se preocupar com os aspectos que poderiam tornar proficientes, os textos-produtos elaborados

pelos alunos foi um marco importante para que os estudantes sejam capazes de através de conhecimentos, possam produzir textos sensoriais.

A gramática existe em função da compreensão da produção de textos orais e escritos. Em desdobramento, supõe saber produzir e interpretar diferentes gêneros de textos. No entanto, é fundamental chamar a atenção para a forma como, se concebem a oralidade e suas relações com a escrita.

As línguas existem para serem faladas e escritas, as gramáticas existem para regular os usos adequados e funcionais da fala e da escrita das línguas. Assim, nenhuma regra gramatical tem importância por si mesma.

A linguagem escrita requer maior cuidado nas concordâncias, pontuações enquanto a linguagem oral requer cuidado na pronúncia das palavras para que o ouvinte entenda claramente o que o interlocutor está falando.

Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer a gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra, Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as suas regras é outra. (Possenti 1996, p.54).

Nenhuma língua morreu por falta de gramáticos. Algumas estagnaram por ausência de escritores. Nenhuma sobreviveu sem povo. A língua é uniforme, com um único e inalterável padrão de funcionamento. Todas as línguas variam naturalmente, de acordo com as diferentes condições da comunidade condições da comunidade e do momento que é falada.

Também variam as línguas nas comunidades desenvolvidas, e nas comunidades subdesenvolvidas. Portanto, a língua é social e a linguagem é universal. Tanto a fala quanto a escrita pode variar, podem estar mais planejadas ou menos planejadas, em relação à norma padrão, ou mesmo ser mais ou menos formais, pois ambas são igualmente dependentes de seus contextos e usos.

Qualquer texto precisa ser lido como sendo o lugar de um encontro: entre quem escreveu e quem lê. Para quem o autor escreveu aquele tipo de texto? O que ele estava pensando no momento. O leitor deve ler analisando todos os sinais

deixados sobre o texto, para que identifique o caminho que leva os sentidos propostos autor com quem estamos em interação.

Segundo os PCNs (2000, p 103) os próprios alunos são capazes de apresentar exemplos diários e discutir a diferença ente a escrita e a oralidade, ou entre a linguagem formal e informal. Os PCNs incorporam as idéias de lingüistas como FRANCHI, PERINI e outros desde os objetivos da disciplina até o conteúdo a ser trabalhado.

Percebe-se em todo o texto dos PCNs a negação das metodologias tradicionais e de regras prontas e descontextualizadas, ainda tão prestigiadas em muitas salas de aula. Os PCNs vêm alertar-nos de que escolas tradicionais criam nos alunos um circulo vicioso, onde deixa os seus discentes com pouca criatividade, sem respeitar a educação dos educando que os professores de língua portuguesa criam em seus alunos o censo crítico para cada leitura e interpretação de textos.

No cotidiano da sala de aula, as situações reais de comunicação devem motivar as atividades de reflexão sobre a linguagem que, por sua vez, devem contribuir para aplicação dos conhecimentos internalizados.

Isto é, o professor deve desenvolver competências que levem os alunos a identificar noções-núcleos, ou seja, qual a idéia principal do texto em função das quais a interpretação pontual de cada uma de suas partes ganha sentido. O propósito é levar o aluno a identificar o tema central do texto, sua finalidade ideológica sabedoria em seus argumentos.

Ressaltamos palavras que estão no texto como pistas do sentido contextualizado. Dar atenção as palavras e a seus efeitos de sentido (observa-se, por exemplo, no uso das conjunções, das preposições, das locuções adverbiais, dos pronomes) e a certos recursos de textualização como repetições e substituições de recursos que, estabelecem nexos coesivos ente diversos surgimentos do texto.

“Para fixar as regularidades da língua quanto à pontuação, concordância nominal e formação do imperativo, podem ser realizados outras atividades, tais como jogos e exercícios orais e escritos”. (PCNs 2000, p 106).

5 QUANDO O PROFESSOR PLANEJA SUA AULA

Temos alguns modelos de ensino-aprendizagem: modelo de ensino-aprendizagem coletivo que é uma classe toda, individualmente, estude um tema ou uma unidade, sobe as mesmas condições e exigências, bem como nos limites de um mesmo período de tempo. Modelo de ensino-aprendizagem em grupo, a classe se divide em grupos, estuda o mesmo tema ou unidade, sob as mesmas condições e exigências e nos mesmos limites de tempo para todos os grupos.

Modelo de ensino-aprendizagem individualizado consiste em permitir que os educando de uma classe estudem um mesmo tema dentro de seu próprio ritmo de trabalho, com atendimento, sempre que possível, dos interesses do próprio educando, e modelo de ensino-aprendizagem socializa - individualizante, esse modelo visa a propiciar ao educando atividades individualmente de livre escolha.

A modalidade de divisão da classe em grupo e disposição dos mesmos vai depender muito do tipo de dinâmica de grupo adotada para os trabalhos a serem levados a efeito. Dar motivação e apresentação da tarefa a ser desenvolvida, bem como as normas de trabalho e passos da mesma. Os grupos podem estabelecer divisão interna de trabalho e dar início a execução da tarefa. A apresentação em classe do trabalho efetuado por um grupo deve ser seguida de discussão. Após essa apresentação e discussão, cada grupo preparará um relatório final a respeito do tema estudado. O professor, no final dos trabalhos, fará uma apreciação geral sobre os mesmos.

Avaliação da aprendizagem – esta pode ser levada a efeito com base nos relatórios referidos, ou também por uma prova. Nessa avaliação poderão ser observados: reajuste no processo ensino-aprendizagem; retificação da aprendizagem, destinada a grupos que tenham revelado pequenas falhas de aprendizagem; recuperação, destinada aos grupos que tenham dado importância nas deficiências maiores de aprendizagem; ampliação da aprendizagem, destinada a grupos mais interessados no tema em estudo.

Precisamos de início desenvolver a técnica de apresentação, para ajudar a apresentarem-se uns aos outros, dizer quem é, onde mora, o que faz, do que gosta,

o que sonha, pensa e sente isso sem violentar a vontade das pessoas. Deve ser desenvolvida num clima de confiança e descontração. Depois a técnica de interação que permite analisar o comportamento pessoal e grupal, possibilitando as relações interpessoais do grupo, proporcionar um diálogo no lugar da indiferença, discriminação, desprezo, que muitas vezes é vivido pelos participantes em suas relações. Usar também a técnica de animação e relaxamento que facilita a romper o ambiente frio e impessoal que existe quando os alunos não se conhecem.

A seguir apresentamos três dinâmicas de grupo, cada uma com objetivo diferente e que não possuem autoria identificada.

Dinâmica 1 - Quem foi autor

Esta dinâmica pode ser aplicada após a leitura de um ou mais textos. É um exercício que facilita a sobremaneira a retenção de conteúdos teóricos e conceituais.

Objetivos: Estimular a leitura, avaliar assimilação, compreensão e retenção do conteúdo, troca de informação, motivação, criatividade, integração.

Participantes: 20 participantes ou mais

Recursos: Filipetas em branco, canetas, caixinha, música, cartolina branca, durex ou fita crepe.

Tempo: 40 min

Instruções: 1º momento

Cada participante recebe duas filipetas e deve elaborar um novo parágrafo que possa ser acrescentado ao texto, de acordo com suas próprias idéias.

Depois, deve copiá-lo na segunda filipeta.

Cada participante entrega uma das filipetas ao Facilitador, que as deposita em uma caixinha similar.

Cada membro do grupo sorteia um parágrafo e sai em busca daquele que o escreveu.

Quando encontrada, a cópia é entregue àquele que a sorteou e ambas as filipetas devem ser coladas em uma cartolina branca previamente preparada e anexada na parede pelo facilitador.

2º momento

Quando todos os parágrafos estiverem reunidos na cartolina branca, Facilitador e participantes fazem um levantamento dos autores e discutem:

- Impressões obtidas.

- Dificuldades na elaboração dos parágrafos e na busca dos pares.
- Comentário sobre aquilo que escreveram.
- O que o texto despertou em casa um
- Aprendizagem e contribuições.

O falicitador coloca-se a disposição para solucionar duvidas, acrescentando informações à discussão quando julgar necessário.

Dinâmica 2 - Escolha cuidadosamente as palavras

Expressar os sentimentos e pensamentos através do uso de frases que permitam uma boa comunicação. Além de ser ótima para treinar o jogo de chagar as pessoas, a forma de como se dirigir a cada um.

Desenvolvimento:

1. Formar duplas, sentados.
2. Dar lápis e papel a cada um e pedir que listem todas as frases que ouvem frequentemente no seu dia-a-dia e que consideram agressivas, ofensivas ou que causam desconforto.
3. Escolher mais forte e pedir que encontrem uma forma clara e gentil de dizer a mesma coisa.

Dinâmica 3 - Mural divertido

Objetivos: Aprofundar conhecimentos, avaliar assimilação do conteúdo, troca de informações, motivação, trabalho em equipe, liderança, criatividade, percepção e integração.

Participantes: 20 participantes ou mais

Esta dinâmica pode ser aplicada após uma exposição verbal, assuntos discutidos, ou leitura de um ou mais textos, cada um grupo se encarrega de abordar um assunto.

Recursos: Cartolina, canetas coloridas, canetas piloto, jornais, revistas, figuras diversas, tesouras, cola, papel crepom, cola colorida.

Tempo: 40 min (1º momento), 60 min (2º momento)

Instruções

1º Momento

Dividir os participantes em grupos compostos por 4 ou 2 pessoas após o estudo prévio de um determinado tema por meio de texto ou explanação.

A tarefa de cada grupo é elaborar um mural utilizando materiais diversos, através do qual os componentes expressam o entendimento obtido sobre o tema em questão.

2º Momento

Após a construção dos murais, os trabalhos devem ser expostos e comentados por todos.

Buscando o enriquecimento e a troca de experiência, discutir dificuldades para execução da tarefa; compreensão dos outros trabalhos; impressões obtidas.

O facilitador coloca-se a disposição para solucionar duvidas, acrescentando informações a disposições a discussão quando julgar necessário.

6 CONCLUSÃO

O professor não pode se acomodar, ele precisa estudar para poder está inserido nas atualidades existente no meio social do alunato, avaliar seu material didático, criar, reinventar sua pratica de ensino. A carência acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana é causado devido aos conhecimentos teóricos de muitos professores que se limita a noções e regras gramaticais.

É preciso estudo e pesquisa para a reflexão do professor em ter condições de mesmo utilizando o material tradicional, fazer um trabalho crítico e diferenciado a fim de deixa de adotar sempre os mesmos conteúdos só porque estão nos livros, o docente deve estar seguro de como deve ser seu trabalho, apostando na mudança, assumindo uma postura de mediador e organizador do processo de aprendizagem.

Muitos déficits de aprendizagem ou muitos resultados negativos poderiam ser evitados se o professor desse ênfase a avaliação de continuidade, ensinando, avaliando e retificando quando necessário. Retificando, não só a aprendizagem de educando, como também o próprio projeto de ensino-aprendizagem.

SOBRE AS AUTORAS

As acadêmicas Adriana Azevedo Dória, Beliene Alves de Oliveira e Marizete Ribeiro Ambrósio, são alunas de graduação, fazem o 6º perío do do Curso de Letras/Português da Universidade Tiradentes em Aracaju/SE. A elaboração deste artigo científico deve-se à prática investigativa na forma de pesquisa qualitativa do tipo bibliográfico. O artigo foi produzido visando atender à exigência da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Letras/Português da Universidade Tiradentes, no 1º semestre letivo de 2010 e contou com a orientação da professora Msc Maria José de Azevedo Araujo. E-mails para contato:

adrianadoria10@gmail.com, belienealves@hotmail.com,
marizete_ribeiro258@hotmail.com, e azevedo1956@bol.com.br.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

ARAÚJO, Maria Inêz Oliveira. **Desafios da formação de professores para o século XXI: o que deve ser ensinado? O que é aprendido?** Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2008.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação**. MEC. Edição atualizada 2007.

BRITO Eliana Vianna et al. **PCN de língua portuguesa: a prática em sala de aula**. São Paulo. Arte & Ciência, 2001.

DELORS, Jaques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 10. ed. São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : MEC : UNESCO, 2006.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da aprendizagem**. Editora Ática, São Paulo, 2001.

GONZÁLES, José Antônio Torres, **Educação e Diversidade: bases didáticas e organizativas** ARTEMED Editora, 2002.

IMBERNÓN; Francisco **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Didática geral dinâmica**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas.** Campinas, SP: Papyrus, 2005.